

XENOFOBIA E RACISMO COM OS IMIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

Giovanna Alonso Pennetta (IC) e Marcelo Moreira Neumann (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O artigo visa investigar se há a existência de uma cultura racista e xenófoba no povo brasileiro para com os imigrantes haitianos e quais os elementos da identidade dos brasileiros que consolidam a diferença de tratamento entre o imigrante negro e branco. Para tal, fez-se uma revisão bibliográfica sobre o tema, uma pesquisa documental buscando material que contivesse falas de haitianos que foram vítimas de atos discriminatórios e um questionário tipo Escala-Likert visando ter a opinião e visão da população a respeito de tais atitudes preconceituosas. Buscou-se ter o olhar imigrante-brasileiro, e brasileiro-imigrante afim de abarcar dois pontos de vistas dicotômicos. Assim, a partir do material coletado e analisado, pôde-se perceber que os complexos culturais, em especial de inferioridade/superioridade e de cordialidade, e outros elementos que possuem suas raízes nas origens do Brasil, corroboram para as atitudes racistas e xenófobas do povo brasileiro para com os imigrantes haitianos.

Palavras-chave: haitianos, identidade brasileira, imigrantes

ABSTRACT

This article aims to investigate if a racist and xenophobic culture exists in Brazilian people towards Haitian immigrants, and which elements in Brazilian's identity consolidate the difference of treatment between a black and a white immigrant. For that, it was made a bibliographic research about the subject and a documental research looking for Haitians' speeches who were victims of discriminatory acts in Brazil. A scale-Likert questionnaire was used to reach people's opinions and their points of view. Therewith, this article looked for immigrant-Brazilian and Brazilian-immigrant perspectives. Thus, as from the collected and analyzed material, it was possible to perceive that some of Brazil's cultural complexes, especially inferiority/superiority and cordiality, and other elements of Brazilian's identity, corroborates to racists and xenophobic attitudes of Brazilian people towards Haitian immigrants.

Keywords: Haitian, Brazilian identity, immigrants

1. INTRODUÇÃO

No mundo moderno globalizado, a questão da migração se faz muito presente sendo um dos fenômenos que marca a década em que vivemos. Há outros fatores que influenciam o fluxo migratório, que são: a situação econômica dos países, problemas políticos internos, guerras e/ou catástrofes ambientais. Este último foi um dos principais impulsos na vinda de muitos haitianos para o Brasil. O terremoto que ocorreu em 2010 destruiu grande parte do Haiti e deixou cerca de 300 mil mortos, fazendo com que seus cidadãos buscassem uma vida melhor em outro país.

Com o número de imigrantes haitianos cada vez mais alto no país vem a problemática: como acolher este migrante? Acolher, não somente com políticas públicas, mas também no sentido de integrá-los à sociedade brasileira. Entretanto, a realidade que se vê no Brasil é bem diferente, não retratando acolhimento. Surgem as questões do racismo e da xenofobia. Porém, ao relacionar estes termos com a migração no Brasil é preciso deixar claro sobre qual migração se está falando e que será tratada no presente trabalho. Esta aversão ao imigrante é seletiva, uma vez que se encontra presente principalmente contra os imigrantes negros.

A partir disto, a presente pesquisa visa responder a questão: Existe uma cultura racista e xenófoba em relação aos imigrantes haitianos? Como objetivo geral, pretende-se desenvolver um estudo sobre se há uma cultura racista e xenófoba, e como são enfrentados estes preconceitos pelos migrantes haitianos - os quais são imigrantes muito distintos do modelo de indivíduo que se deseja no país - no Brasil, sob a perspectiva da psicologia analítica. E como objetivo específico visa também desenvolver um estudo sobre os possíveis elementos da identidade brasileira que contribuem para que esta cultura ocorra.

Durante a realização da pesquisa encontrou-se dificuldades em achar material exclusivamente sobre os fenômenos discriminatórios, como o racismo e a xenofobia, para com os imigrantes haitianos. Ademais, sabe-se que estes podem ser estudados sob diversas perspectivas teóricas, entretanto foi escolhida para o presente trabalho, devido a familiaridade da pesquisadora, a visão da Psicologia Analítica.

A realização da pesquisa se justifica pelos seguintes fatores: contribuição para a construção de um maior conhecimento e reflexão a respeito da identidade brasileira a fim de que as questões sociais e raciais que a imigração dos haitianos tem implicado possam ser superadas. Visa também ajudar o psicólogo contemporâneo, e futuro, a pensar numa psicologia multicultural, principalmente num país com uma enorme diversidade étnica e cultural como o Brasil. E, prover um olhar mais acurado sobre o

fenômeno migratório no país mostrando suas implicações tanto para os imigrantes quanto para aqueles que os recebe.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2. 1 Imigração haitiana no Brasil

O Haiti é um dos países mais pobres do mundo e possui baixíssimo índice de desenvolvimento humano, o que torna difícil reparar os impactos causados pela catástrofe ambiental. Diante disto, juntamente com a instabilidade política, descrédito e miséria social e econômica muitos haitianos emigraram. E o Brasil foi um dos principais destinos destes cidadãos, fato que não pode ser atribuído ao acaso. É válido relembrar que desde 2004, até o seu término em outubro de 2017, o Brasil liderou a Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti (MINUSTAH). Esta missão internacional foi determinante para direcionar o fluxo de imigrantes para o país. Além disto, o desenvolvimento econômico do Brasil, principalmente em 2010, e sua caracterização como país emergente lhes eram atraentes; a história de mobilidade que o Haiti possui; o agravamento no fechamento das fronteiras na França e EUA - seus principais destinos; e, por fim, que o Brasil lhes é familiar há décadas devido a aspectos culturais como a música, o futebol, as novelas e os carnavais cariocas que são transmitidos pela televisão.

Segundo dados da Polícia Federal, obtidos através do site do G1, em 2011 a Polícia Federal registrou a entrada de 481 haitianos no Brasil. Já em 2015 foram 14.535, aumentando mais de 30 vezes (fora outros tantos que estão irregulares). Em 2016, somavam quase 81 mil indivíduos. Nos últimos sete anos, esta população tem sido o principal grupo de estrangeiros no país. Em outra matéria do site G1, o Observatório das Migrações Internacionais relata que um problema para o anuário é consolidar o número de estrangeiros que vivem no país pois não existe uma base unificada com os registros (GLOBO, 2017).

Em 2017 o CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados), ligado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, publicou a segunda edição do relatório "Refúgio em Números", o qual consiste num levantamento de dados a respeito dos refugiados no decorrer do ano anterior, no caso, aqui, de 2016. Primeiramente, o número total de solicitações, no ano em questão, de refúgio foi de 10.380. O Haiti está entre os cinco países com mais pedidos de solicitação de refúgio ao Brasil, ficando atrás apenas para a Venezuela (3375), Cuba (1370) e Angola (1353). O número de haitianos que solicitaram refúgio no país foi de 646.

O terceiro relatório "Refúgio em Números", a respeito do ano de 2017, mostra que número de solicitação de refúgios foi de 33.865 quase triplicando se comparado ao ano anterior. Destes, 52% corresponde a pedidos de venezuelanos (17.865); em seguida vem Cuba com 7,01% e em terceiro lugar o Haiti, com 6,97%.

Será feita uma digressão que visa o esclarecimento de questões relativas ao visto humanitário e a distinção dos termos refugiado e imigrante.

Conforme a Lei da Migração 13.445/2017, Art. 1º inciso II) imigrante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil. A ONU expõe, em seu site, que o termo "migração" é comumente compreendido implicando um processo voluntário, o que difere da condição de refúgio, uma vez que pessoas que se encontram nesta situação dificilmente podem - e terão condições de - retornar às suas casas em segurança; e possivelmente vivenciaram situações de direitos humanos violados.

Já o refúgio é um direito garantido na Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 e validado pela Lei nº 9.474/1997, a qual define mecanismos para a implementação deste Estatuto e traz o conceito de quem poderá ser considerado refugiado no Brasil.

Conforme o Art. 1 da Lei 9.474/1997, será reconhecido como refugiado todo indivíduo que: I) devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontra-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país. II) não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior. III) devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Isto posto, os haitianos não se encaixam em nenhuma das três distinções de refúgio previstas na lei. Para solucionar as questões legais de entrada no país que estas pessoas enfrentavam, o governo brasileiro criou, em 2012, o visto humanitário por meio da Resolução 97 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), regida pelo Estatuto do Estrangeiro. A Resolução pode ser aplicada as mesmas situações que o refúgio e também a vítimas de crises econômicas e ambientais. Assim, os caracterizava como solicitantes de visto de "residência permanente por razões humanitárias". Com a obtenção deste, o imigrante haitiano está autorizado a residir no Brasil, tendo direito a acesso ao trabalho, educação e saúde. No entanto, a mesma resolução limitava a

quantidade de concessão de vistos em até 1.200 por ano e restringia a obtenção ao Consulado Brasileiro no Haiti.

Tal medida, corroborava com a adesão de rotas irregulares e dominadas por coiotes. Visando combater a ação destes e as más condições e violações com as quais os migrantes se deparavam no caminho ao Brasil, em 2013, o governo federal criou uma nova Resolução CNIG nº102, a qual extinguiu o limite de vistos concedidos e permitiu a concessão destes em outros países, como Cuba, Equador, Peru e República Dominicana.

Segundo Oliveira (2015): [...] se por um lado a entrada dos haitianos é, em alguma medida, facilitada pelo Governo Federal, faltam as condições básicas para a efetiva integração desses imigrantes à sociedade e ao mercado de trabalho no Brasil.

2. 2 Conceitos da Psicologia Analítica

Visando o melhor entendimento do trabalho, serão apresentados no começo desta seção os conceitos mais pertinentes da psicologia junguiana para o presente trabalho. Primeiro, se faz imprescindível tratar do conceito de complexo afetivo.

Os complexos afetivos são fragmentos psíquicos cuja divisão se deve a influências traumáticas ou a tendências incompatíveis (JUNG, 1998, p. 125). Souza (2016) acrescenta que por mais que em muitos casos o complexo tenha sua origem no trauma, uma das causas mais comuns é o conflito moral. Maspoli (2018), a intensidade do choque emocional foi tão grande que gerou uma dissociação na psique do indivíduo, e quanto maior a repressão no inconsciente maior a tendência a ganhar liberdade. Ademais, quanto mais autônomo o complexo, mais ele tenderá a se personificar.

Os pós-junguianos propuseram modelos teóricos específicos à abordagem das relações entre identidade individual e cultural. À priori, Joseph Henderson desenvolveu o conceito de inconsciente cultural, que representa a camada do inconsciente coletivo pertencente a um grupo social ou cultura. No inconsciente coletivo há duas dimensões, uma mais profunda, que é arquetípica, natural, transhistórica, transcultural, transétnica e, outra, a do inconsciente cultural, que é histórica, cultural, étnica. Numa representação topográfica o inconsciente cultural estaria situado entre o inconsciente pessoal e coletivo, com linhas de fronteira bastante fluídas. Posteriormente, Samuel Kimbles e Thomas Singer desenvolveram, com base no conceito de inconsciente cultural e na noção de complexo de Jung, o conceito de complexo cultural.

A noção de complexo cultural é uma expansão do conceito original de Jung de complexo afetivo, como um núcleo de representações na psique do indivíduo cimentada por emoção, para conceituar núcleos

de conflito na psique social dos povos e grupos sociais, geralmente fruto de traumas em sua história (BOECHAT, 2014, p. 75).

O complexo possui um conteúdo arquetípico e outro individual. O núcleo do complexo é, geralmente, representado por um núcleo arquetípico, o qual lhe confere seu caráter universal. Os complexos afetivos individuais e os culturais possuem grande correspondência em sua estrutura e maneira de ação.

Conforme Bash (1995 apud BOECHAT, 2018, p. 76), cabe aludir ao fenômeno da irradiação afetiva entre complexos, pelo qual um complexo afetivo ativado pode afligir outros com conteúdos relacionados. Isto se aplica aos complexos culturais, os quais podem ter influência sobre outros congêneres e atraí-los para um campo de força comum com efeitos destrutivos à cultura, em médio e longo prazo. Também indivíduos com complexos pessoais afins com os complexos culturais de seu grupo social sofrem uma sinergia desses complexos culturais, e sentem de modo particularmente intenso sua influência (BOECHAT, 2018, p.76).

Dentre os complexos culturais brasileiros, os mais significativos para o presente trabalho são: o de inferioridade/superioridade e o de cordialidade.

O complexo de inferioridade significa sentir-se inferior quando na verdade a pessoa - no caso, o coletivo - não o é. Porém, atrelado a ele atua o complexo de superioridade, como um mecanismo de compensação.

Ao falar de complexo cultural de cordialidade se faz necessário falar do termo, cunhado por Boechat, racismo cordial. Boechat (2014 e 2018) denomina o racismo típico brasileiro de racismo cordial, - sendo ele quem cria este termo - o qual se baseia no conceito de homem cordial e nas definições de cordialidade, ambos de Sergio Buarque de Holanda (2014). Seria um erro entender a palavra cordialidade aqui como boas maneiras ou civilidade, pois são antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante (HOLANDA, 2014, p. 176).

Para Holanda (2014) a espontaneidade é convertida em fórmula e a polidez é organização de defesa perante a sociedade, podendo servir como peça de resistência. Assim, equivale-se a um disfarce que permitirá o indivíduo conservar sua sensibilidade e emoção intactas. A isto, pode-se relacionar ao conceito do arquétipo de Persona de Jung.

Conhecendo as implicações e contrastes que Holanda implicava com a palavra cordial, nós podemos ter uma ideia melhor de que a cordialidade pode ser um disfarce para violência, rejeição, ódio, atitude superior, e principalmente uma falta de abertura para

igualdade em oportunidades para melhores salários e melhor educação em universidade para negros, mestiços e índios (BOECHAT, 2014, p. 86).

Além destes conceitos, ir-se-á esclarecer outros que no senso-comum são confundidos entre si, e muitas vezes usados de maneira equivocada. De acordo com o dicionário Mini Aurélio (2002), xenofobia significa: aversão a pessoas e coisas estrangeiras; já racismo significa 1. doutrina que sustenta superioridade de certas raças 2. preconceito ou discriminação em relação a indivíduo(s) considerado(s) de outra(s) raça(s). Destaca-se que raça pode ser entendida como etnia.

Outros termos que se mesclam na linguagem popular é discriminação e preconceito. O primeiro, segundo o dicionário Mini Aurélio (2002), discriminação é 1. o ato ou efeito de discriminar 2. Tratamento preconceituoso dado a certas categorias sociais, raciais etc. Já preconceito significa: 1. ideia preconcebida. 2. suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões etc. Ou seja, a discriminação é o preconceito, racismo ou xenofobia em forma de ação. E o preconceito é uma ideia pré-concebida sobre algo, sem ter qualquer tipo de informação a respeito.

Quando se pretende entender o processo xenófobo e racista com os haitianos no Brasil se faz extremamente necessário falar de questões da identidade cultural brasileira para compreender melhor a psique coletiva da população. Pois, entende-se que esta está estritamente ligada a psique individual, e que são indissociáveis. Ao falar de identidade brasileira é preciso retornar às origens do Brasil e entender como este fato histórico atuou na constituição da psique coletiva do povo e na formação de sua identidade.

O início da história oficial do Brasil começa no século XVI, com a chegada dos portugueses na América. Neste momento da história, de descobertas ultramarinas, os portugueses estavam com muita energia investida no ego. Este ego fortificado juntamente com o mecanismo de projeção impediu que houvesse um bom contato entre dois seres tão diferentes. De um lado, os portugueses regidos pelo arquétipo de Logos - ou Patriarcal - (aspecto racional, de organização e ordem) e de outro, os índios, regidos pelo arquétipo de Eros - ou Matriarcal - (afabilidade, compaixão). Os europeus projetavam sua agressividade; não reconheciam a subjetividade do índio, inclusive acreditavam que este não possuísse alma. Já do outro lado, os índios projetavam sua afabilidade. É projetado não só o que não se conhece, como também aquilo que se entende que deva ser um humano (GAMBINI, 1998 p.20).

A partir deste contato entre esses dois povos tão diferentes nasce o primeiro brasileiro. E, refletindo brevemente a respeito das qualidades paternas e maternas que influenciaram este povo pode-se perceber que o brasileiro já nasceu com algumas disfunções. É filho de um pai banido de sua terra e extremamente fálico - desbravador, capaz de penetrar no desconhecido, porém não integrado ao princípio feminino, não sabendo, portanto, lidar com a diferença. E de uma mãe, cuja figura não aparece muito na história oficial, a não ser como um ventre. Gambini (1996 e 1998) afirma que a alma não estava presente na formação do Brasil. Pois se a alma portuguesa estivesse presente, no lugar do mero acasalamento - o que ocorreu de fato - uma junção psíquica poderia ter sido ensaiada (GAMBINI, 1996, p.8)

Diante disso, pode-se pensar que, a problemática reside no desequilíbrio que a ausência da figura materna e do princípio feminino causa. Ao princípio feminino estão associados valores como compaixão, afabilidade, sentimento, paciência, maleabilidade, capacidade de perdoar, de permitir, de lidar com as diferenças, de aceitar, de deixar-se levar pelo sentimento e pela intuição. À vista disso, pode-se pensar que a carência do arquétipo Matriarcal no povo brasileiro pode estar associada à sua incapacidade, desde o seu nascimento, de se colocar no lugar do outro, de tratá-lo com bondade e principalmente de integrá-lo em sua cultura e país.

No artigo de Ketzer et al (2018) há, em especial, uma fala de um imigrante haitiano que transparece a segregação vivida pelos imigrantes por parte dos brasileiros. Nas perguntas que tangem a cultura brasileira, o sujeito diz que não pode falar a respeito pois não a conhece. Diz viver num bairro com imigrantes, e em seu ambiente de trabalho tem poucos colegas brasileiros. Isso demonstra a pouca receptividade da sociedade local quanto à integração efetiva do estrangeiro. Exemplo decomo a carência do arquétipo Matriarcal nos brasileiros transparece no contato com os imigrantes. Ou seja, não os integra de fato à sua cultura e sociedade, produz-se a ideia errônea de que por possuírem trabalho e visto humanitário estão inseridos na sociedade estrangeira.

Outro aspecto da identidade brasileira que dificulta a assimilação do diferente é sua sombra - a dimensão real da personalidade de um indivíduo, ou de um grupo, que não é reconhecida pelo ego idealizado. Fazendo uma digressão, retorna-se às origens do país, para explicar o termo melhor e entender sua influência e atuação neste processo.

Na época que os europeus chegaram ao Brasil, a Inquisição imperava na Europa. Havia uma intensa necessidade de satisfação dos impulsos agressivos do homem naquela parte do mundo, e a partir disso a autoridade máxima da época, Papa Paulo III, decretou que "abaixo do Equador não existia pecado". Dando, de certo modo, um aval

para que aquilo que não era permitido na Europa fosse feito na América - um aval para os portugueses deixarem sua sombra atuar no Novo Mundo. Assim sendo, o brasileiro nasce como um complementar psíquico porque havia a necessidade de se criar um território para a erupção da sombra (GAMBINI, 1998, p. 54).

Devido a isso, começa a se organizar um arquétipo nacional, no qual há apenas lugar para a sombra, sem lugar para o ego. Quando este movimento acontece e a sombra organiza a personalidade de um indivíduo (no caso, de um povo) o lado construtivo, as boas qualidades do ego, são atrofiadas o que acaba por gerar um ego imaturo. E a maneira de lidar com ela é projetando no outro. Pode-se pensar que os brasileiros projetam alguns aspectos de sua sombra no imigrante. O desconhecimento sobre este sujeito acaba por facilitar ainda mais o mecanismo de projeção.

A nível estadual [no Estado do Acre], o que poderia demonstrar um receio social se traduziu em uma Imagem distorcida, que deveria ser a nossa projeção refletida em cenário mundial. O que estes brasileiros propalavam não se confirmou, pelo contrário. Conforme nota da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, proferida no ano de 2014, não houve registro de crimes de maior potencial ofensivo tendo como autor um haitiano, no período de 2010 até 2014, ano da divulgação da referida nota (ACRE, SEJUDH, 2014). Porém, a mesma consulta, se realizada com o parâmetro "vítima" e especificando a nacionalidade "haitiana", observamos um número de mais de cem ocorrências, dos mais variados tipos penais como furto, roubo, lesão corporal, injúria, difamação, extorsão, dentre outros. A sociedade que detinha no imaginário a falsa sensação que poderia ser vítima de crimes por parte desses migrantes motivados em especial pela cor da pele destes, não conseguiu enxergar que poderia se tornar autora dos mesmos crimes que possuíam medo, tornando cruel a recepção a esse povo que buscava auxílio humanitário. (VENANCIO, 2017, p.67)

A citação de Venancio mostra alguns dos conteúdos da sombra coletiva brasileira que são projetados no imigrante: violência e criminalidade. Entretanto, é válido ressaltar que a sombra não se trata apenas dos aspectos ruins da personalidade do sujeito; ela se torna uma energia destrutiva se não for reconhecida e trazida à luz pelo ego. Quando este movimento acontece, é capaz de ativar processos criativos significativos à vida do indivíduo; do coletivo.

A respeito do complexo cultural de inferioridade pode-se pensar que emerge juntamente com o nascimento do Brasil. Como diz Gambini (1996, p.7):

A pedagogia instaurada no Brasil nascente consistia em tomar um aprendiz e lhe dizer [...]: "esqueça quem você é, tenha vergonha de si mesmo, largue tudo, olhe para mim e queira ser como eu". Isso ainda está vivo no Brasil, porque quando olhamos para o Primeiro Mundo até hoje fazemos a mesma coisa [...]

A partir disto, pode-se relacionar a busca obsessiva por referências fora da história brasileira ao desconhecimento desta e sua origem, à falta de memória perante alguns acontecimentos do passado e à não valorização das matrizes indígenas e africanas de sua sociedade. Busca-se incessantemente identificar-se apenas com a parte europeia contribuinte à cultura do Brasil. Existe um sentimento de inferioridade no povo brasileiro perante à cultura e valores europeus e norte-americanos (BOECHAT, 2014).

O complexo de inferioridade significa sentir-se inferior quando na verdade a pessoa - no caso, o coletivo - não o é. Porém, atrelado a ele atua o complexo de superioridade, como um mecanismo de compensação. É notória a constelação deste complexo na forma como parte dos brasileiros, às vezes, trata um povo - muitas vezes com origens semelhantes à sua e que não são do Primeiro Mundo - como de menos valia. Isto é um possível fator que contribui para as reações sociais de preconceito e discriminação contra o haitiano.

Se tratando do complexo de cordialidade, Boechat (2014, p.85) diz:

Sob um manto aparente de assimilação de diferenças e uma liberdade e convivência aparentemente integradas dos mais diversos grupos, desenvolvia-se na cultura brasileira, desde seus inícios um disfarçado racismo que denomino aqui racismo cordial.

A estrutura social herdada do período colonial lapidou a crença na inferioridade do povo negro em uma forma peculiar de discriminação racial no Brasil. Esta foi chamada de racismo cordial. A denominação, racismo cordial, remete-se à noção de cordialidade empregada por Sergio Buarque de Holanda em seu livro "Raízes do Brasil". A palavra cordial deve ser entendida em seu sentido etimológico preciso: pertencente ao coração. Tanto a violência e inimizade quanto a amizade e a bondade podem ser cordiais, pois ambas nascem do coração. O autor e a citação exposta acima oferecem uma descrição precisa e vivida do arquétipo da persona e sua expressão na psique coletiva da sociedade brasileira.

[...] nós podemos ter uma ideia melhor de que a cordialidade pode ser um disfarce para violência, rejeição, ódio, atitude superior, e principalmente uma falta de abertura para igualdades em oportunidades para melhores salários e melhor educação em universidades para negros, mestiços e índios (BOECHAT, 2014, p.86).

Por fim, Boechat (2015) diz que os brasileiros têm uma enorme dificuldade em tornar consciente seu preconceito racial, pois se encontra profundamente dissociado em seu inconsciente, como um complexo cultural. Esta dissociação tem como resultado a

criação de uma enorme tensão entre a "Persona Cordial" e seu "Racismo Cordial", o qual carrega uma enorme sombra de raiva, superioridade e sutil desprezo àqueles grupos que se encontram na base da pirâmide social.

2. 3. MÉTODO

O presente estudo realiza uma pesquisa exploratória com análise de conteúdo, se valendo de conceitos da psicologia analítica. Este tipo de pesquisa faz-se extremamente válido uma vez que há pouco material a respeito dos fenômenos em questão.

Inicialmente, fez-se uma revisão bibliográfica a respeito do tema, visando contextualizá-lo no panorama da ciência contemporânea. A busca do material foi feita através dos arquivos eletrônicos das instituições: Universidade de São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Pontifícia Católica. Outros sites foram utilizados, tais como: PEPSIC, SCIELO e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Para filtrar apenas os artigos que dispunham de conteúdo de interesse utilizou-se as seguintes palavras-chave: xenofobia, racismo, imigrante(s) haitiano(s), imigração haitiana, Brasil e Haiti. Selecionou-se os artigos, dentro e fora da área de Psicologia, que abordavam - e exploravam, mesmo que brevemente - as discriminações sofridas por esta população migrante, - mesmo que concomitante a de outros grupos. A parte do material encontrado que tratava, exclusivamente, de rotas migratórias que os sujeitos fazem e/ou de aspectos socioeconômicos de tal fenômeno não foi empregada. No total, a busca reuniu pouco material, 12 artigos foram selecionados. Contudo, 2 não estavam disponíveis na íntegra nos meios eletrônicos e por isso foram descartados. A dificuldade de encontrar material apenas o campo da Psicologia fez com que os materiais das áreas de humanas e sociais fossem usados.

Também se realizou uma busca de documentários, através do sítio "Youtube", que abordassem o tema em questão com a população imigrante haitiana no Brasil para que, a partir de falas destes, fosse realizada a análise de conteúdo. As seguintes palavras-chave foram utilizadas para selecionar o material: documentário, xenofobia, racismo, imigrante haitiano, imigração haitiana e Brasil. As variáveis do critério de seleção foram: vídeos nomeados (seja no título ou na descrição) como documentários e que continham falas – identificação de quem as diz - de haitianos relatando como experienciaram os atos discriminatórios no Brasil.

Selecionou-se apenas os documentários que continham no título ou na descrição do vídeo a nomenclatura "documentário", resultando em 15 vídeos. Outro filtro foi aplicado, o vídeo havia de conter falas de imigrantes haitianos a respeito de sua experiência diante dos fenômenos de xenofobia e racismo no Brasil, no qual apenas 7 se

enquadraram. Por último, excluiu-se os documentários que continham falas de imigrantes que diziam nunca ter sofrido racismo e/ou xenofobia no Brasil, uma vez que o intuito da pesquisa é analisar as falas daqueles que já os sofreram. Também foram descartados os que não identificavam o sujeito que as diz e sua respectiva origem. Assim, três documentários atenderam a todos os critérios. Para a análise de conteúdo das falas, estas foram divididas em 2 grupos, se valendo de conceitos da Psicologia Analítica: racismo cordial e complexo de inferioridade.

Por fim, elaborou-se uma pesquisa de opinião, via plataforma Google Docs, utilizando a Escala Likert com cinco pontos - discordo totalmente; discordo; indiferente; concordo e concordo totalmente - para que fosse possível obter uma visão dos brasileiros para com os imigrantes haitianos. Esta escala é um tipo do tipo de resposta psicométrica, geralmente usada em questionários e mais ainda em pesquisas de opinião. As perguntas foram divididas em 3 categorias: - cada qual com quatro perguntas - identidade brasileira, racismo e xenofobia. Procurou levantar dados e trazer conteúdo a respeito de tais temáticas antes de cada afirmação proposta. Os critérios adotados para participação do sujeito foram idade, ter de 18 a 65 anos; escolaridade, ter o ensino médio e superior completo ou incompleto e geracional, descender de imigrantes até a 4ª geração - até os bisavôs do sujeito que irá responder.

2. 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O material encontrado, e que será analisado, não aborda exclusivamente os fenômenos discriminatórios; a maior parte dava ênfase às rotas migratórias utilizadas, situação socioeconômica e principalmente a questão laboral no Brasil. A carência de material, principalmente, que tangesse, tão somente, aos fenômenos propostos a serem estudados no presente trabalho foi uma das dificuldades encontradas ao longo da pesquisa. As falas dos imigrantes haitianos serão divididas em 2 categorias para análise: racismo cordial e complexo de inferioridade.

2.4.1 Análise dos documentários - olhar imigrante-brasileiro

Racismo cordial ou à brasileira

Tabela 1: Falas de haitianos mencionando o racismo sofrido no Brasil.

| Nome do documentário | Ano do documentário | Nº do sujeito | Minuto da fala | Resumo da fala |
|-------------------------------------|---------------------|---------------|----------------|--|
| HAITIANOS: na espera de um novo dia | 21.dez.2016 | 3 | 6m25s-45s | Diz que o racismo é muito forte no trabalho e apesar de não compreender muito bem a língua portuguesa sabe quando as colegas de trabalhando estão falando mal de dele. |
| HAITIANOS: | 21.dez.2016 | 3 | 7m10s- | Relata situações xenóforas |

| | | | | |
|--|-------------|---|------------|---|
| na espera de um novo dia | | | 46s | no ambiente de trabalho: colegas não dão as cadeiras para os imigrantes e falam que não querem trabalhar perto de haitiano. |
| HAITIANOS: na espera de um novo dia | 21.dez.2016 | 2 | 12m38s-53s | Relata caso de parentes e amigos que não conseguem se expressar direito, por conta da barreira da língua, no atendimento do SUS e, por isso, não foram atendidos. |
| Lakay - Documentário sobre a vida dos Haitianos na Região do Vale do Itajaí - SC | 23.out.2016 | 4 | 5m08s-16s | Diz que a pessoa pode ser racista mas não demonstra por medo da lei |
| Lakay - Documentário sobre a vida dos Haitianos na Região do Vale do Itajaí - SC | 23.out.2016 | 4 | 6m07s-19s | Relata que quando anda ao lado de uma pessoa branca, por ser negro, esta começa a andar mais devagar pensando que é ladrão |

O racismo cordial é típico do Brasil, ocorrendo, muitas vezes, de maneira velada, através do não dito. Todas as falas presentes nesta categoria retratam este tipo de racismo, também conhecido como racismo à brasileira.

As falas do sujeito 3 relatam tanto um racismo mais "sutil", que apesar do nome que carrega quem o sente, não o sente desta forma - o sujeito traz esta questão do sofrimento de maneira implícita em seu discurso. Em seu primeiro relato, traz que apesar de não conseguir entender muito bem o português, sabe quando tem colegas de trabalho falando mal dele, sendo racistas. E acrescenta "o racismo é muito forte no trabalho" (sic). Nesta fala pode-se perceber que seria um erro dizer que só existe o racismo cordial no Brasil, este coexiste com o racismo explícito.

Sua segunda fala, no minuto 7 do documentário "HAITIANOS: na espera de um novo dia", conta suas experiências no trabalho com colegas que não querem compartilhar a cadeira com ele de trabalhar junto por ser haitiano. Em sua fala, está salientada atitudes xenófobas e racistas. O próprio imigrante não sabe diferenciar quando é vítima de um ou de outro, evidenciando como estes fenômenos se entrelaçam e acabam por marginalizar o sujeito que as vivencia. Sinaliza, também, alguns traços do povo brasileiro, que ao "não querer trabalhar junto com um imigrante haitiano" só pelo fato de ser haitiano, acaba por não o integrar em sua cultura e em seu país, deixando-o a

margem da sociedade - exemplificando verdadeiramente a carência do arquétipo matriarcal nos brasileiros.

O sujeito número 2 relata que o racismo é forte e sofre com isto. Diz conhecer haitianos no Brasil que ao precisarem ir ao SUS não conseguiram ser atendidos no sistema por conta da barreira da língua, e associa tal fato com o racismo presente na instituição. Ou seja, o funcionário por não querer atender o imigrante justifica tal ato através da dificuldade que a barreira linguística impõe.

O sujeito número 4, conta que há pessoas que têm em seu imaginário a associação entre cor de pele negra e ser ladrão. E em outro momento do documentário(5m08-16s) diz mais: "a pessoa pode até ser racista, mas não demonstra por medo da lei" (sic).Entende-se que há brasileiros que são racistas, porém rechaçam e negam a existência de tal sentimento em si, porém projetam-no no Outro, deixando tal sentimento na esfera da Sombra de sua personalidade. Ao passo que nas aparências finge não o ser. Ou seja, tentam criar uma Persona polida e não racista. Apesar de muitas vezes as atitudes discriminatórias não serem explícitas, transparecem nos pormenores, implícita e disfarçadamente, como exemplifica o sujeito 4, e nem por isso a vítima deixa de sentir a dor e a violência que tais atos ocasionam.

Dentre as 4 falas recortadas para a categoria, 3 delas o racismo acontece de maneira disfarçada, entretanto a vítima não o deixa de sentir e sofrer com isso. Ao se atentar as expressões faciais dos sujeitos no momento em que falam de tal tema percebe-se o quão difícil é para eles serem vítimas de tais atos, sejam explícitos ou implícitos.

Ademais, as tentativas por parte do povo brasileiro de criar a imagem de uma Persona cortês, inclusiva e não discriminatória, acaba falhando e traços da Sombra irrompem inesperada e dissimuladamente.

Complexo de Inferioridade

Tabela 2: Falas de haitianos mencionando atos discriminatórios, que exemplificam o complexo de inferioridade do brasileiro.

| Nome do documentário | Ano do documentário | Nº do sujeito | Minuto da fala | Resumo da fala |
|--|---------------------|---------------|----------------|--|
| Documentário de portas-abertas, vrs 10 minutos | 09.jan.2018 | 1 | 6m19s-45s | Uma ideia errônea e estigmatizada permeia o imaginário do brasileiro sobre haitiano. Tem-se a ideia de coitado |
| | | 1 | 8m06s-38s | Diz que sofre preconceito por diversos fatores: por ser negro, haitiano, imigrante e oriundo de um país pobre. |
| HAITIANOS: | 21.dez.2016 | 2 | 5m18s- | Diz que lhe incomoda o jeito |

| | | | | |
|--------------------------|--|---|-------------|--|
| na espera de um novo dia | | | 42s | q os brasileiros falam do Haiti, que lhe parece que é para lhe humilhar. Comenta também como olham para o seu corpo, de mulher negra. |
| | | 2 | 7m53s-8m43s | Diz sobre a ideia estigmatizada que os brasileiros tem sobre o haitiano. Comenta que sofre humilhações por parte dos brasileiros por ser negra. Já ouviu pessoas reclamando que os haitianos não estão no país dele e por isso não podem falar nada do Brasil. |

Na conclusão de sua dissertação de mestrado Venancio diz:

A reação da população apresentou um caráter dicotômico - uma espécie de sentimento de inferioridade em relação ao migrante desejado (o branco) e a canalização de uma revanche de superioridade ao indesejado (o negro), fatores que contribuíram para reações sociais de aumento de preconceito e discriminação contra o haitiano, objeto de pesquisa do presente estudo (VENANCIO, 2017, p.124)

Ademais, é preciso considerar que a mídia exerce um papel crucial na criação de imagem no imaginário do povo brasileiro sobre o que é ser haitiano, as condições de vida no Haiti e os impactos que o país sofreu depois do terremoto de 2010; e de fomentar o sentimento de superioridade que há em relação aos haitianos. Em sua dissertação de mestrado, Antunes (2017) fala sobre o papel da mídia na construção e propagação da ideia do povo haitiano como miserável; relembra ainda que o Brasil foi proeminente na implementação bem-sucedida de políticas públicas e na construção da ideologia de branqueamento da raça (incentivando no final do século XIX e começo do século XX a vinda de muitos imigrantes europeus), e à vista disto o pensamento social brasileiro ainda carrega inúmeros resquícios latentes de associações entre branquitude e civilização, e negritude e barbárie. (ANTUNES, 2017).

Ainda segundo Antunes (2017), após a crise econômica mundial de 2008, o Brasil recebeu um contingente significativo de imigrantes europeus que eram associados como desejáveis, e sua chegada e estadia eram vistas como positivas e enriquecedoras.

Tudo isso contribui à estigmatização do haitiano como povo inferior, bárbaro, miserável e que em nada pode contribuir ao Brasil. As falas aqui categorizadas retratam este estigma e expressam o sentimento de tristeza por parte do haitiano que escuta este tipo de pré-conceito sobre seu país e compatriotas.

A fala do sujeito 1 exprime que o preconceito vem de diversos fatores: por ser negro, imigrante, haitiano e oriundo de um país pobre. Nela, vê-se que os fenômenos de racismo e xenofobia se confundem e mesclam. E conseqüentemente, os colocam numa posição de menos-valia.

As duas falas do sujeito 2 expressam que os brasileiros não percebem que a forma como falam sobre o Haiti é para humilhar seu povo. "A forma como os eles falam é muito incomoda e que é muito difícil viver assim"(sic). Esta narrativa expressa como o sujeito acaba se sentindo ífero devido a sua nação de origem e cor da pele.

Para compensar o sentimento de baixa autoestima, dependência, insegurança, desvalorização de sua cultura e personalidades nacionais e piadas contra si mesmo - características do complexo de inferioridade - cria-se o sentimento de superioridade em relação aos haitianos. O povo brasileiro se coloca numa posição superior e, em paralelo, diminui tudo o que é e vem do Haiti. Para lidar com todos estes sentimentos, projeta-os no imigrante - desvalorizando sua cultura e seus cidadãos pois no fundo quem se sente assim é o povo brasileiro.

Contudo, o complexo de inferioridade/superioridade na identidade desse povo é de uma magnitude muito grande, pois os acompanha há muito tempo. Para compensar o sentimento de inferioridade perante outras nações, ditas de "Primeiro Mundo", menospreza-se outros povos, assim se tem a falsa sensação de superioridade. Este devaneio fica evidente nas falas dos entrevistados nos documentários. Fala-se do Haiti, relacionando-o a miséria, a barbárie, como se não houvesse miséria, pessoas morando na rua e passando fome no Brasil etc. Ao querer se sentir superior a outrem esquece-se sua real condição, justamente porque o problema está em si. E olhar para dentro de si dói.

2.4.2- Análise Escala Likert - olhar brasileiro-imigrante

O questionário tipo Escala-Likert obteve 33 respostas, entretanto 1 pessoa não se encaixou no critério de descendência ao colocar que não era imigrante e nem possuía parentes imigrantes até a 4ª geração, outra pessoa respondeu duas vezes o questionário. Assim sendo, os resultados analisados foram de 31 participantes. Em relação ao perfil destes 54% dos participantes são do sexo masculino e 46% do sexo feminino; no tocante a escolarização, 52% possui ensino superior completo, 35% está cursando o ensino superior, 3% possui o superior incompleto e 10% possui o ensino médio completo; já sobre a faixa etária, 84% dos integrantes têm de 18 a 30 anos, 13% têm 30 a 40 e 3% de 50 a 65 - nenhuma pessoa de 40 a 50 anos respondeu; em

referência a descendência dos mesmos, 55% possui bisavós imigrantes, 33% possui avós imigrantes, 10% tem pais imigrantes e 3% é imigrante no Brasil.

A análise das respostas será feita por categoria e não de cada pergunta separadamente.

Racismo

A tendência predominante entre os participantes, nesta categoria, foi que percebem e possuem ciência dos atos racistas por parte dos brasileiros, em especial, para com os imigrantes negros; notam que estes tendem a sofrer mais atos discriminatórios que os europeus e/ou norte-americanos, por serem imigrantes distintos do que se quer no país. Mas, ao mesmo tempo, não se posicionam como racistas, percebendo tais atos nos outros.

Deve-se expor o fato de que os participantes enxergam os atos discriminatórios nos outros, mas não em si. Por um lado, pode ser que os mesmos não sejam preconceituosos, que haja uma reflexão e tolerância ao direito de migrar, bem como uma compreensão das várias dificuldades sofridas pelos imigrantes negros no Brasil. Mas por outro, deve-se mencionar o fato de que é mais fácil, no geral, as pessoas perceberem conteúdos de sua sombra no outro do que assumi-los em si.

Ademais, é importante trazer o que o sociólogo Florestan Fernandes (2008, p.41 apud Antunes 2017, p. 62) disse a respeito do tema:

O preconceito de cor é condenado sem reservas, como se constituísse um mal em si mesmo, mais degradante para quem o pratique do que para quem seja sua vítima. A liberdade de preservar os antigos ajustamentos discriminatório e preconceituosos, porém é tida como intocável, desde que se mantenha o decoro e suas manifestações possam ser encoberta ou dissimuladas (mantendo-se como algo íntimo; que subsiste no "recesso do lar"; ou se associa a "imposições decorrentes do modo de ser dos agentes ou do seu estilo de vida, pelos quais eles "têm o dever de zelar").

Xenofobia

Em todas as 4 perguntas desta categoria mais de 60% dos participantes tenderam a discordar total ou parcialmente das afirmações - em 3 afirmações, 81% dos participantes discordam total ou parcialmente. Este dado reflete a tendência dos mesmos a ter uma posição mais liberal no tocante da imigração. Liberal como oposição ao conservadorismo (o sentimento de nacionalismo exacerbado ao ponto de ter-se a ideia de precisar proteger o solo nacional do imigrante, visto como invasor ou ameaça à soberania nacional).

Assim, pode-se notar que os participantes não veem os imigrantes haitianos como ameaça ao povo brasileiro, principalmente no âmbito laboral. Compreendem o imigrante como Outro, sujeito singular e único, proveniente de uma cultura diferente da sua, mas não por isso é ífero e nem deve ser tratado como tal. De outro modo, percebem que o imigrante haitiano, o negro no geral, tende a sofrer mais atos xenófobos e racistas por parte dos brasileiros, principalmente devido a sua cor de pele.

A esta diferença de tratamento, pode-se relacionar o complexo de inferioridade do povo brasileiro. Pois ao se sentir inferior perante os europeus e norte-americanos têm-se, como atitude compensatória, a tendência a menosprezar e desvalorizar os haitianos.

Fuentes (2014) diz, o homem tem duas atitudes diante do mundo: Eu-Tu e Eu-Isso. A primeira se refere a convivencialidade, é presença e relação; ao passo que a segunda é uma interação instrumental. Ou seja, se não considerar o Outro como um Tu, não haverá relação, e este, visto como Isso, será colocado na posição de objeto, passível de ser usado, descartado, trocado, e estando a serviço da projeção do desconhecido em mim.

Pode-se evidenciar o segundo tipo de relação através de inúmeras notícias que denunciam as más condições de trabalho dos haitianos, às vezes análogas as condições de escravidão. Em face disso, observa-se que a relação predominante entre brasileiros e haitianos, principalmente no setor laboral, é de Eu-Isso.

Todavia, não se evidenciou esta tendência de relação Eu-Isso para com os imigrantes haitianos por parte dos sujeitos participantes do questionário. Ao contrário, nota-se a evidência da relação Eu-Tu, na qual o Outro é visto como sujeito diferente do Eu, nem por isto ífero, mas detentor de direitos humanos e história pregressa ímpar.

Identidade Brasileira

Nesta categoria os integrantes apresentaram a tendência de possuir ciência da diferença de tratamento entre o imigrante haitiano - e negro de maneira geral - e o imigrante europeu e/ou norte-americano. Esta diferença de tratamento também se baseia na cor da pele. Eles percebem que há elementos na identidade cultural do brasileiro que corroboram, e ratificam, a diferença de tratamento para com os imigrantes negros: os complexos culturais de inferioridade/superioridade, a herança do passado colonial e escravocrata brasileiro e o racismo.

Os dados desta categoria ratificam os dados apresentados nas duas categorias anteriores pois mostram que os imigrantes, em especial os haitianos, não são vistos como invasores ou ameaça à soberania nacional; comprovam também que os integrantes sabem que há atos discriminatórios para com estes imigrantes, mas que não se veem como racistas.

Segundo Boechat (2014), o racismo mascarado é um elemento central na sombra coletiva brasileira. O complexo de cordialidade, mencionado anteriormente, reflete dois aspectos: um aparente, que vai de encontro com as expectativas sociais, fazendo com que a população brasileira seja vista como hospitaleira, generosa e gentil ao lidar com o estrangeiro; já o segundo não é tão fácil de se perceber, e se expressa mais mascarado e muito mais no âmbito privado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, acredita-se que o objetivo geral foi alcançado pois, conclui-se que há uma cultura racista e xenófoba com os imigrantes haitianos no Brasil, uma vez que encontrou-se, poucos, estudos sobre tais fenômenos que validam o objetivo de pesquisa como o de Venâncio (2017) e Antunes (2017), além das falas dos próprios haitianos, encontradas em documentários, que relatam que estes sofrem atos discriminatórios no Brasil. Já em relação ao objetivo específico compreende-se que também foi alcançado, visto que buscou-se identificar alguns dos elementos da identidade brasileiro que corroboram para que estes fenômenos ocorram, como: complexo de inferioridade e superioridade, o complexo de cordialidade (ou o racismo cordial), a sombra coletiva brasileira etc.

Em segundo lugar, há de se mencionar a dificuldade encontrada ao longo da pesquisa para encontrar material a respeito do presente tema, tanto na pesquisa bibliográfica quanto na pesquisa documental. No tocante a ambos, pouco material foi encontrado. Assim, expõe-se a necessidade de mais pesquisas relacionando quais possíveis aspectos da identidade brasileira possivelmente contribuem para os atos discriminatórios sofridos pelos imigrantes haitianos, e também sugere-se pesquisas a respeito destes atos discriminatórios em relação a população haitiana.

Pôde-se concluir que os imigrantes haitianos são vítimas de atos discriminatórios, velados/ou aparentes, e sentem e sofrem do mesmo modo com ambos. A partir da análise documental, observou-se a manifestação de dois complexos culturais no povo brasileiro que influenciam no acolhimento e tratamento dos imigrantes haitianos por parte do mesmo.

Através do questionário, foram constatadas as seguintes tendências entre os integrantes: não se identificam como racistas e/ou xenófobos e acreditam que há, de fato, elementos na identidade do povo brasileiro que corroboram à diferença no trato entre imigrantes europeus ou norte americanos e imigrantes haitianos. Outrossim, sabe-se que a tendência obtida através do questionário não pode ser generalizada a larga escala. Deve-se considerar dois importantes fatores ao se deparar com tal resultado: a

maioria dos participantes eram jovens (possuíam de 18 a 30 anos) e mais de 50% tinham o superior completo ou estavam cursando-o. Acredita-se que se a pesquisa fosse feita por acessibilidade o resultado poderia ser distinto do apresentado.

Por fim, sabe-se que a pesquisa teve alcance limitado pois se restringiu a realidade brasileira obras em português ao fazer a revisão bibliográfica, e que se faz necessário dar continuidade ao tema, seja na área de Psicologia Analítica ou não. A limitação também abarca a pesquisa de opinião. Acredita-se que para pesquisas futuras seja interesse abranger mais pessoas para pesquisas de opinião, e procurar artigos em outros idiomas também visando fazer um comparativo entre realidades, culturas e povos distintos. Crê-se que a contribuição da presente pesquisa, é no campo de estudar o coletivo ao invés do indivíduo, e de tocar em assuntos tão delicados a população brasileira que necessitam ser confrontados e integrados a consciência coletiva da mesma.

4. REFERÊNCIAS

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. 2017. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em 10 set. 2018

ANTUNES MADEIRA DA SILVA, C. **O enquadramento da tragédia social e a indesejabilidade da diáspora haitiana na mídia brasileira**. 2017. 175p. Dissertação (Mestre em Ciências)- Pós Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-07122018-155923/pt-br.php>>. Acesso em 08 jan. 2019

BOECHAT, W (org). **A alma brasileira - Luzes e sombra**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014

_____. **Complexos culturais e brasilidade** In: Desvelando a alma brasileira: Psicologia junguiana e raízes culturais OLIVEIRA, H. (org) 1. ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2018

_____. **Cordial Racism: Race as a Cultural Complex**. In Jung Society of Atlanta. 2015. Disponível: <<http://www.jungatlanta.com/articles/fall15-cordial-racism.pdf>> Acesso em 20.03.2018

_____. **Eros, poder y el racismo cordial: aspectos de la formación de la identidad brasileña**. 2009. Disponível em <<http://www.adepac.org/inicio/eros-poder-y-el-racismo-cordial-aspectos-de-la-formacion-de-la-identidad-brasilena/>> Acesso em: 16.03.2018

DIAS, L; GAMBINI, R. **Outros500: uma conversa sobre a alma brasileira** 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998

DOCUMENTÁRIO DE PORTAS ABERTAS, vrs 10 minutos. Direção: Gabriela Moliver. Produção: Gabriela Moliver. Roteiro: Gabriela Moliver. Fotografia de Jaqueline Suarez.

Rio De Janeiro: [s. n.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=imzvVCQftOY>. Acesso em: 24 jan. 2019.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio De Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002. 790 p. v. 9 impressão. ISBN 8520911048

FUENTES, L. A. **Tornar-se o que se é no sentido da filosofia ubuntu africana e o sentido para a individuação na e da cultura brasileira**. In: A alma brasileira - Luzes e sombra. BOECHAT, W. (org)1. ed.Petropolis: Editora Vozes, 2014

GAMBINI, R. **A alma ancestral brasileira**, 2004, p. 1-13 [Disponível em <http://psiquejung.blogspot.com/2004/10/alma-ancestral-do-brasil.html> - Acesso em 5.dez.2018].

GLOBO. **Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no brasil, diz pf**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 10. set. 2018.

GLOBO. **Entrada de imigrantes no Brasil caiu 23% em dois anos; 'efeito da crise política e econômica', diz estudo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/entrada-de-imigrantes-no-brasil-caiu-23-em-dois-anos-efeito-da-crise-politica-e-economica-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em 10. set. 2018

HAITIANOS: Na espera de um novo dia. Direção: Fernanda Scherer e Tiago Wiethölter. Produção: Fernanda Scherer, Marcus Staudt e Tiago Wiethölter. Intérprete: Esther Olius, Renel Simon, WastonThéus, YvelaureFortilus. Roteiro: Fernanda Scherer, Renel Simon e Tiago Wiethölter. Fotografia de Fernanda Scherer. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fgo0339VUwc>. Acesso em: 23 jan. 2019.

HOLANDA, B.S. **Raízes do Brasil**. 27ªed. 8ªreimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

KETZER et al. **Imigração, identidade e multiculturalismo nas organizações brasileiras**. Interações, Campo Grande, v. 19, n.3, p. 679-696, jul./set. 2018 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v19n3/1518-7012-inter-19-03-0679.pdf>> Acesso em 09 jan 2019

LAKAY - Documentário sobre a vida dos Haitianos na Região do Vale do Itajai SC. Direção: Jéssica Frazão. Produção: Jéssica Frazão e Matheus Paladino. Intérprete: Carl Richard Romulus, JeanpauloDesrosiers, Elaine Machado, ElvitaDamier, Jean OriolSinriél, JesumeneExeard, LevanerTelusma, RenelExeard, Urda Alice Klueger, Webster Fever. Roteiro: Jéssica Frazão. Fotografia de Matheus Paladino. Santa Catarina: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BUGhDx7JDPY>. Acesso em: 23 jan. 2019.

MASPOLI, A. **Trauma Transgeracional e Resiliência na Diáspora Africana**. 1ªed. São Paulo: Editora Reflexão, 2018

OLIVEIRA, A.T.R. **Nova lei brasileira da migração: avanços, desafios e ameaças.** Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Belo Horizonte, volume 34, n.1, p.171-179, jan./abr. 2017

_____. **Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil.** REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana. Brasília, ano XXIII, n. 44, p.135-155, jan./jun. 2015 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v23n44/1980-8585-REMHU-23-44-135.pdf>>. Acesso 09 jan 2019

SINGER, T; KAPLINSKY, C. **The Cultural Complex.** In Junguian Psychoanalysis: Working in the Spirit of C.G.Jung, edited by Murray Stein p. 22-37.

SOUZA, A.L. **Aspectos psicológicos do Zé Pilantra na cultura do Rio de Janeiro.** 2016. 94f. Dissertação de Pós-Graduação - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédia

VENÂNCIO DA CRUZ NETO, Reinaldo. **No Brasil, xenofobia tem cor e alvo: A realidade do deslocamento humano de haitianos ao Brasil, através do Estado do Acre, pós-catástrofe natural no Haiti em 2010 .** 2017. 136 p. Dissertação (Mestre em Direito)- Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/31269>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Contatos: alonsogiovanna2@gmail.com e marcelo.neumann@mackenzie.br